

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOÇÕES DE MUSEOLOGIA PRÉ E PROTO-HISTÓRICA.

VARAGNAC, André

Ano: 1962 | Número: 72

Como citar este documento:

VARAGNAC, André, Noções de museologia pré e proto-histórica. *Revista de Guimarães*, 72 (3-4) Jun.-Dez. 1962, p. 326-336.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Noções de Museologia pré- e proto-histórica (*)

Pelo Prof. Dr. ANDRÉ VARAGNAC,
Director do Museu de Antiguidades Nacionais
de Saint-Germain-en-Laye (França).

A Museologia é uma disciplina recente, e este facto merece reflexão. No início da nossa carreira, durante os anos decorridos após a primeira guerra mundial, tivemos ocasião de conhecer de perto a vida dos museus carecentes de museologia. Cada conservador era então um cientista cuja actividade profissional se limitava a uma espécie de missão secundária da sua actividade como especialista. Qualquer novo achado que se obtinha seguia logo para o respectivo mostuário. Tornava-se deste modo necessário aproveitar todos os espaços vagos. Expor a maior quantidade de coisas por ordem da sua importância eram, portanto, mais ou menos, os únicos imperativos.

Por outro lado, não se fazia distinção alguma—salvo no sector da Pintura—entre um original e uma boa cópia. As cópias ofereciam até a grande vantagem de poderem ser roubadas, sem que isso acarretasse inconveniente de maior: daqui resultava uma extraordinária acumulação de moldagens e galvanoplastias em completa promiscuidade com peças autênticas. O que interessava principalmente era que o museu facilitasse o trabalho dos especialistas: quanto ao público em geral, era-lhe permitido circular à vontade em

(*) Versão portuguesa do artigo «Notions de muséologie pré- et protohistorique», inicialmente publicado na Revista *Antiquités Nationales et Internationales* (II.º Année, Fasc. III-IV, Paris, 1961, p. 6 ss.), que se reproduz no presente volume da *Revista de Guimarães*, por amável autorização do Autor. M. C.

salas que afinal não tinham sido organizadas para ele. Os objectos dispunham-se conforme a matéria prima: num agrupamento collocava-se tudo quanto fosse de pedra, noutra juntavam-se as cerâmicas, e assim por diante, com respeito aos objectos de vidro, aos bronzes, etc.

Génese da Museologia

No decorrer do século xx regeitaram-se, como anacrónicos, tais pontos de vista. O museu transformou-se então num dos mais poderosos instrumentos da educação popular, nesta época em que os ensinamentos pela propaganda literária vão sendo progressivamente ultrapassados pelos métodos audio-visuais de expansão do pensamento.

Supérfluo se torna lembrar quanto se ficou devendo ao Sr. André Malraux como iniciador desta transformação. Por toda a parte, em todos os países, os museus nos revelam numerosos e variados aspectos de beleza. Por toda a parte redobram os esforços para despertar a consciência das multidões não só perante as criações do génio humano, como para os destinos sucessivos dos povos e das suas civilizações.

Tais são os novos objectivos que justificam a noção de Museologia, a génese de uma disciplina que não é simplesmente, como tantas vezes se tem pretendido, uma técnica de exposição, mas também, sem a menor dúvida, um dos aspectos mais originais da Sociologia aplicada.

A concepção e disposição de um museu moderno reclamam, com efeito, duas qualidades que raras vezes se encontram associadas. Evidentemente que uma delas há-de ser o *bom gosto*, esse dom invulgar, que só uma longa e persistente educação da vista consegue suprir; mas é igualmente indispensável, coisa ainda mais rara, ser-se, de certo modo, um sociólogo, visto que um museu deve ser organizado *para a sociedade que o há-de frequentar*, que o fará viver ou dele se desinteressará: é, portanto, indispensável sabermos ser úteis, isto é — *servir*.

Esta dualidade de formação é mais necessária ainda nos museus de Pré-história do que nos de Pintura. Foram, porém incontestavelmente estes últimos que presidiu à génese e à evolução inicial da Museologia. Ora, nesta nota desejamos destacar em especial as necessi-

dades mais prementes dos museus de Pré-história e de Proto-história. É justo reconhecer que tais necessidades não têm sido esquecidas pela excelente revista *Museum* (1). Mas também é certo que os ensaios — geralmente de autores estrangeiros — que por esse meio nos têm sido revelados, não conseguiram ainda apresentar fórmulas inteiramente satisfatórias.

Os problemas dos museus pré- e proto-históricos

Tais museus, ou secções de museus, têm uma dupla característica:

1. *Apresentarem estados de civilização quase que ignorados pelo nosso ensino escolar.* Se expusermos, por exemplo, ao visitante séries de objectos fabricados nos tempos romanos, nos de Carlos Magno, de S. Luiz ou de Luiz XIV, certamente que tais objectos lhe farão evocar um mínimo de noções adquiridas nos seus tempos de frequência da escola. Mas, nada disso acontecerá se lhe apresentarmos uma espada hallstattiana, um machado de bronze, um vaso campaniforme, ou, por maioria de razão, um biface micoquense ou uma lasca clactonense. Para ele, tais objectos não passam de coisas mortas, e seria ousado esperar da parte deste visitante uma reacção de curiosidade que o levasse a adquirir um manual próprio para se dedicar ao estudo desses mesmos objectos. O museu, porém, não deverá dizer-lhe desdenhosamente: «*Nunc erudimini*». Vem e aprende, ignorante dos ignorantes!» O museu deve, sim, procurar o melhor meio de evidenciar a ligação desses estados culturais pouco conhecidos com as civilizações de que o visitante comum já tenha ouvido falar mais ou menos.

Poder-se-á objectar que os museus de Etnografia também, por sua vez, apresentam civilizações prática-

(1) Com muito proveito se pode consultar, a este respeito, o recente número dessa Revista (Vol. XIV, n.º 4), especialmente a Introdução, por G. H. Rivière, que resume com muita clareza os trabalhos da reunião organizada pela I. C. O. M. (*International Council of Museums*) na Polónia, em Maio-Junho de 1960, sobre os problemas dos museus de História.

mente desconhecidas do visitante vulgar, e das quais igualmente o Ensino público não se ocupa; mas aí o caso é diferente, porque, nessa emergência, a própria singularidade atraente dos objectos prende a atenção. Uma máscara cómica, por exemplo, um manto de cerimónias feito de plumas brilhantes detêm o mesmo visitante que atravessou quase a correr uma sala onde apenas estavam expostas olarias neolíticas ou fíbulas de La Tène.

2. *Os museus de Pré- e Proto-história são forçados a expor, junto a obras de arte, grande quantidade de objectos técnicos.* Devemos dizer que um utensílio tradicional, saído da mão de um artífice com destino a outro artífice, em si mesmo contém *sua* beleza própria. Isto é uma verdade; e tantos anos da nossa carreira dedicamos ao estudo dos objectos folclóricos, que não receamos nos acusem de desconhecermos essa beleza intrínseca, embora modesta mas autêntica. Simplesmente, reconhecendo-se que essa beleza é, de facto, modesta, compreende-se a necessidade de uma perfeita arte museológica e de uma completa educação do público, para que este a possa realmente sentir (2). Um biface acheulense, por exemplo, é uma coisa bela para quem o segurar na mão, o voltar e revirar, experimentar o seu peso e sentir como os nossos dedos o abrangem com natural facilidade; existirá a mesma sensação para quem se limite a observar esse pedaço de sílex através de um vidro? Para o grande público, qualquer «museu» é sempre, mais ou menos, um «museu de Belas Artes», e ele poderia ficar desorientado ao parar na frente de vitrines que lhe dessem a ideia de uma sucursal do Conservatório de Artes e Ofícios. É portanto indispensável prever o ajustamento desses dois aspectos das colecções. Há 25 milénios que os homens vêm fabricando simultaneamente utensílios e obras de arte: compete à Museologia pré- e proto-histórica idear os processos mais adequados de associar essas duas modalidades do engenho humano (3).

(2) V. Marie Berhaut e G. H. Rivière, «Le Musée de Bretagne, Rennes», *Museum*, loc. cit., p. 236 ss.

(3) Foi essa uma das finalidades da Exposição *L'Outil et l'Oeuvre d'Art*, aberta em Saint-Germain-en-Laye, desde 28 de Maio a 17 de Dezembro de 1959.

3. Mas, nessa altura, deparamos com outro obstáculo, provavelmente o mais grave. Sem dúvida que em cerca de um milhar, ou mais, de museus dispersos pelo território francês não haverá um só que não possua algumas séries pré-históricas ou proto-históricas, facto este natural visto a França ser a principal pátria da Pré-história. Mas, *quantos conservadores terão a preparação indispensável para realizarem uma apresentação perfeita dessas séries?* Na sua grande maioria são apenas conhecedores da Pintura, o que aliás é legítimo, visto que essa modalidade artística constitui geralmente o fundo principal das colecções, primazia que corresponde às preferências do público. Por seu turno, as séries pré-históricas, proto-históricas e gaulesas ocupam um lugar secundário na disposição das colecções, pouco mais ou menos em paridade com as séries galo-romanas.

O que seria então para desejar? Mais de uma vez abordamos este assunto com o saudoso mestre Albert Grenier. A opinião dele era de que não poderíamos passar dos paliativos enquanto às nossas duas gloriosas Escolas de Atenas e de Roma se não juntasse uma Escola de França, que, sobre esta matéria, desenvolvesse os ensinamentos que, nos quadros da Escola do Louvre, apenas ocupam um restrito lugar. Sem pretendermos de modo algum entrar na discussão destes problemas que ultrapassam a nossa competência, talvez não seja de todo inútil, apesar disso, examinar certos pontos meramente teóricos.

O museu pré-histórico

Uma dificuldade é inerente à própria concepção de qualquer museu de Pré-história. A Pré-história começou pelo menos há uns 600.000 anos. Quanto aos primeiros ensaios da arte pré-histórica remontam, como atrás recordamos, a uns 25.000 anos antes da nossa era. Entre estes dois períodos, o género humano não nos deixou outros vestígios senão sílices e quartzites lascadas. Ora o trabalho do sílex é uma técnica totalmente esquecida, que só alguns raros especialistas conseguiram reconstituir. O problema museológico consiste portanto em conseguir chamar a atenção da massa

dos visitantes para uma técnica que eles ignoram inteiramente, que não lhes oferece qualquer finalidade prática, e que só muito tarde se associou à obra de Arte.

Posta rudemente a questão nestes termos, apresenta-se-nos de um modo geral tão insolúvel como a quadratura do círculo. O museólogo é logo tentado a resolvê-la pela maneira mais simples, que consiste em pôr de lado a curiosidade pública e procurar satisfazer exclusivamente os pré-historiadores. Ora o interesse destes manifesta-se precisamente por aquilo que aos outros visitantes provoca um movimento de indiferença, como sejam as modalidades sucessivas do trabalho do sílex. O pré-historiador sabe reconhecer onde, como e com que meios mecânicos a pedra foi fracturada. Do que ele carece porém é de ser elucidado sobre as posições estratigráficas que as diferentes séries de peças ocupavam, sobre as suas respectivas proporções no complexo da jazida, etc.: em suma — um conjunto de curiosidades impossíveis de despertar, em escaços minutos, no espírito do utente vulgar que acaba de pagar o seu bilhete de entrada no museu.

E contudo renunciava-se despreocupadamente a vencer estas dificuldades. Qualquer director de museu ficaria convencido de ter cumprido conscienciosamente o seu dever museológico redigindo, por exemplo, a etiqueta seguinte: «Tayacense. — O tipo clactonense predomina em todos os níveis sobre o levalloisense, que entretanto tende progressivamente para o mousteriense. A aproximação deste último é testemunhada pelo aparecimento de pontas e raspadeiras bem caracterizadas». E, quando alguém sugerisse a este mestre mais alguns esclarecimentos complementares, ele, num gesto largo, retorquiria: «Quem quizer saber mais vá às bibliotecas».

Devemos adoptar uma atitude peremptória como esta, e concluir que toda a vitrine de Pré-história se destina a falar unicamente ao espírito do espacialista?

É certo que o especialista necessita de analisar numerosas espécies de cada família técnica; e, por outro lado, toda a apresentação obedecendo a um cuidado de pedagogia elementar lhe aborrecerá, ou ainda mais:—irritá-lo-á. Mas, porque não conceber duas formas de apresentação, mais ou menos justapostas? Se conseguirmos utilizar uma sala suficientemente ampla, poderemos desti-

nar a um dispositivo francamente pedagógico a parte correspondente à passagem mais frequentada, ocupando o resto da sala com utensílios de mais acentuado pormenor. Se o edifício se presta, poder-se-ão mesmo organizar salas pedagógicas no piso da entrada principal, reservando um andar superior para as apresentações especializadas.

Estas últimas instalações são fáceis de conceber e não levantam problemas museológicos verdadeiramente complicados: basta que as vitrines correspondam nitidamente ao estado mais recente dos conhecimentos científicos, respeitando-se as modernas condições de visibilidade e de iluminação.

Pelo contrário, as apresentações de carácter pedagógico facultam um vasto campo à iniciativa do museólogo. É neste sector que ele não deve contentar-se em ser apenas «um homem de objectos», mas revelar-se também um sociólogo.

Museologia e Sociologia

Como acabamos de concluir, é inútil pretendermos interessar o visitante, logo de entrada, pela apresentação de sílices segundo os aspectos particulares do seu talhe intencional. Será pois necessário esclarecê-lo por meio de um pequeno número de noções gerais, simples, claras, susceptíveis de atrair a sua atenção.

De uma dessas noções já nos servimos no Museu de Antiguidades Nacionais e tivemos o grande prazer de a ver igualmente aconselhada num tratado americano: *Prehistoric Men*, por Robert J. Braidwood (4). Quero referir-me ao facto de os nossos utensílios manuais, actualmente de aço, terem sido inventados em sílex. Bastará apresentar o utensílio arcaico e o moderno lado a lado, ou, melhor ainda, colocar entre eles os espécimes de transição, de cobre, bronze e ferro, para que o visitante, seja qual for a sua idade, se detenha e seguidamente se interesse. Seja um professor de escola primária, ou de qualquer outro curso, que acompanhe os seus alunos, impro-

(4) «Chicago Natural History Museum», Popular Series, *Anthropology*, n.º 37, 3.ª edição, 1957.

visará uma explicação demonstrando que—*a Idade da Pedra está concretamente ligada à realidade actual.*

Esta ligação poderia ser evidenciada de um modo ainda mais amplo: São numerosos os museus soviéticos onde se procurou ir mais longe neste campo, apresentando a *sequência dos diferentes tipos de sociedade*, fazendo assim passar deante dos nossos olhos a constituição da família selvagem, desde a tribo com seus *clans e phratrias* ao patriarcado neolítico, seguidamente ao patriarcado, aos impérios escravagistas, ao feudalismo, ao capitalismo, e, por fim, à «democracia popular». O plano é grandioso, mas de realização um tanto ambiciosa, sobretudo no que respeita à Pré-história, e mesmo à Proto-história, períodos acerca dos quais os nossos conhecimentos, relativamente às suas respectivas estruturas sociais, se reduzem a presunções mais ou menos frágeis.

Mas poderíamos então substituir a sequência assaz nebulosa dos primeiros tipos das sociedades humanas pela *sequência, muito mais positiva, das fontes de energias sucessivamente utilizadas pelo género humano* (5). Sob este prisma, é possível dar à Pré-história uma definição imediatamente acessível ao grande público: «*é a Idade imensa durante a qual os homens não tiveram à sua disposição outra energia senão a dos seus próprios músculos, com uma débil ajuda dada pelo fogo (lareira ao ar livre, archote incandescente, luminária) e pela acção da gravidade (armadilhas de cova)*».

Não seria difícil conceber vitrines e dioramas que ilustrassem estas noções. Os diversos grupos de utensílios líticos seriam apresentados por meio de peças nas diversas fases de fabrico: algumas breves legendas bastariam para as tornar inteligíveis. Passaríamos assim, insensivelmente, de uma Sociologia perfeitamente comunicativa a uma Tecnologia, que isolada resultaria inexpressiva.

Nas figurações desta natureza uma parte de primordial importância deveria ser reservada à representação do lançamento dos diversos tipos de projecteis. Com efeito, é essencial fazer compreender que o projectil rotativo (pedra ou pau de arremesso, em seguida bala de funda, bola, e finalmente «boomerang») foi, até ao

(5) Cf. *Antiquités Nationales et Internationales*, 1961, n.º 1-2, p. 11-13.

Paleolítico Superior, a única arma actuando a distância, e que só o nosso antepassado *Homo sapiens* soube—graças ao afeiçãoamento do sílex em pequenas lâminas— construir projecteis perforantes: a azagaia, depois a azagaia lançada por meio de propulsor, e finalmente o arco e a flecha, que no Ocidente sobreviveram até a descoberta do fusil, e na China até os começos do século xx. A evocação destas evoluções dará margem a que a imaginação do museólogo possa ser largamente posta à prova, devendo porém haver todo o cuidado em que a sugestão nunca ultrapasse os limites dos nossos conhecimentos científicos.

Pré-história, Mundo Antigo e Mundo Moderno

Uma apresentação nestes moldes seria como que um prefácio natural das séries neolíticas, calcolíticas, do Bronze e das primeiras idades do Ferro, cuja evocação é, por seu turno, delicada, visto que essas Culturas—no âmbito da Europa continental—poucas obras de arte produziram. A proporção de objectos técnicos é portanto naturalmente elevada nos museus de Proto-história.

Daqui se conclui que haveria toda a vantagem em *não separar a Proto-história da Pré-história*, mas sim apresentá-las na sua sucessão real: estes pródromos obscuros do classicismo iluminar-se-iam singularmente se os convertêssemos no comentário da grande revolução que, pela primeira vez, transformou a condição humana: o aparecimento quase simultâneo da produção de energia vegetal (agricultura), do motor animal (domesticação), da força eólica (a vela), do motor humano colectivo (reboque em comum, grupo de remadores), finalmente, do fogo industrial (o forno e a forja). Este verdadeiro feixe de energias libertou o homem do seu duelo seiscentas vezes milenário com a animalidade, deste frente-a-frente de cada dia, de cada hora, tão dignificante como aviltante, tão gerador de heroísmos como de crueldade bestial.

Tudo isto a Proto-história pode sugerir, por meio de objectos aparentados ainda com os utensílios e as míseras armas de sílex lascado, que, deste modo, podem *reintegrar a Pré-história nas perspectivas históricas familiares ao visitante*.

É portanto para desejar, sob o ponto de vista museológico, que a aparição e o triunfo de novos materiais—cerâmicas, primeiros metais— não sejam apresentados com tantas lacunas nas colecções, nem em lotes separados: cada etapa da evolução humana prepara a etapa imediata, a qual se tornaria incompreensível sem este encadeamento.

Nada obstará, dentro destas perspectivas, a que se finalizasse a visita com discretas indicações dos pródromos do mundo moderno, isto é, deste segundo feixe de inovações energéticas, cujo drama absorvente vivemos neste século xx.

Conclusão

Teòricamente, é portanto lícito pensar que:

Os museus de Pré-história não podem desempenhar cabalmente o seu papel educativo para com o grande público, senão convertendo-se igualmente em museus de Proto-história, visto que Pré- e Proto-história reciprocamente se esclarecem;

Dentro deste conceito, o museu de Pré- e Proto-história deveria ser integrado nesse vasto «Museu de História da Civilização», cujo projecto tanto preocupou, no século passado, o pensamento de alguns precursores, especialmente escandinavos e franceses, desde C. J. Thomsen a Henri Hubert, e constitui ainda hoje uma das maiores aspirações do museólogos contemporâneos.

Sejam quais forem os pontos de vista teóricos, esta rápida discussão levou-nos a reconhecer algumas das características próprias das colecções pré-históricas e proto-históricas:

Os factos que elas representam pode dizer-se que são quase inteiramente estranhos ao nosso Ensino público;

Consagrar tais colecções para uso exclusivo de especialistas só viria agravar este divórcio;

Não se pode sair de uma tal dificuldade senão associando estes objectos, por meio de grandes temas gerais, muito simples, muito claros, a outras séries de objectos mais recentes ou até modernos;

Uma associação desta natureza daria uma contribuição positiva à educação popular.

De harmonia com as recomendações da I. C. O. M. ⁽⁶⁾, a justaposição de apresentações de carácter pedagógico com apresentações correspondendo apenas à curiosidade dos especialistas permitiria aos museus satisfazerem as necessidades de que actualmente sofrem.

⁽⁶⁾ Vide nota 1.